



GEOSABERES: Revista de Estudos
Geoeducacionais
ISSN: 2178-0463
fabiomatos@ufc.br
Universidade Federal do Ceará
Brasil

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E RELIGIÃO: CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS EM GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

OLIVEIRA, PAULO WENDELL ALVES DE

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E RELIGIÃO: CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS EM GEOGRAFIA DA
RELIGIÃO

GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, vol. 10, núm. 21, 2019

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552858850028>

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i21.725>

Copyright © 2010



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E RELIGIÃO: CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS EM GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

APPROACHES BETWEEN GEOGRAPHY AND RELIGION: CONTRIBUTION TO STUDIES IN GEOGRAPHY OF RELIGION

APROXIMACIONES ENTRE GEOGRAFÍA Y RELIGIÓN: CONTRIBUCIÓN A LOS ESTUDIOS EN GEOGRAFÍA DE LA RELIGIÓN

PAULO WENDELL ALVES DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

paulowendell@bol.com.br

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i21.725>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552858850028>

id=552858850028

 <http://orcid.org/0000-0002-2568-3800>

Recepção: 02 Fevereiro 2019

Aprovação: 02 Abril 2019

RESUMO:

Pretende-se com o artigo que se segue, desenvolver uma análise das aproximações que foram realizadas entre a geografia e a religião ao longo de diferentes períodos do pensamento humano. Buscar essas bases de aproximação das temáticas, dá-se no intuito de evidenciar como foram sendo desenvolvidas as primeiras perspectivas de estudos que aproximaram a geografia, da religião e, posteriormente desenvolver um quadro de como a temática da religião apareceu nas pesquisas geográficas, nas diferentes perspectivas teóricas que influencia o saber geográfico, após sua sistematização como campo do saber autônomo. Por fim, apresentamos um panorama dos grupos de pesquisa do subcampo da geografia da religião no Brasil e quais as contribuições que estes grupos vem produzindo e corroborando com a emergência contemporânea nos estudos de geografia da religião.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Religião, Espaço.

ABSTRACT:

It's intended, with the following article, to develop an analysis of the approximations that are made through geography and religion over different times of human thought. To search for these approximation bases of the themes it's intended to highlight how the first studies perspectives that approximated geography to religion were developed and, later, to develop a framework of how the religion thematic appeared in the geographic surveys in the different theoretical perspectives that influence geographic knowledge after its systematization as an autonomous field of knowledge. Lastly, we present an overview of the research groups of the subfield of the geography of religion in Brazil and which contributions these groups have been producing and corroborating with the contemporary emergence in the geography studies of religion.

KEYWORDS: Geography, Religion, Space.

RESUMEN:

Se pretende, con el artículo siguiente, desarrollar un análisis de las aproximaciones que se realizaron entre la geografía y la religión a lo largo de diferentes períodos del pensamiento humano. Buscar estas bases de aproximación de las temáticas se da con el fin de evidenciar cómo se desarrollaron las primeras perspectivas de estudios que aproximaron la geografía de la religión y, posteriormente, desarrollar un cuadro de cómo la temática de la religión apareció en las investigaciones geográficas en las diferentes perspectivas teóricas que influyen el saber geográfico después de su sistematización como campo del saber autónomo. Por último, presentamos un panorama de los grupos de investigación del subcampo de la geografía de la religión en Brasil y cuáles las contribuciones que estos grupos vienen produciendo y corroborando con la emergencia contemporánea en los estudios de geografía de la religión.

PALABRAS CLAVE: Geografía, Religión, Espacio.

INTRODUÇÃO

A temática da religião vinculada aos estudos geográficos apresenta-se como um campo relativamente novo de estudos. Apesar de existirem trabalhos como os de La Blache (1845-1918) e Deffontaines (1894-1978) que

apresentavam descrição das questões religiosas, ligadas ao espaço geográfico, não se configurando como um subcampo da geografia, mas de uma reflexão do saber geográfico sobre a religião. O campo de investigação de temas ligados à religião nas análises geográficas passa a ganhar fôlego a partir da década de 60 e 70 do século XX no campo da geografia cultural, influenciados diretamente pela Escola de Berkeley e pelos escritos de Carl Sauer.

Outras áreas vinculadas às ciências sociais já se preocupavam com relação à experiência religiosa, buscando analisar a partir de diferentes perspectivas, na leitura da organização dentro do sistema de símbolos e ritos que são próprios de cada grupo social, na leitura das ideologias religiosas, nos debates sobre as teorias da religião e suas origens. Autores como os sociólogos Emile Durkheim (2008), Ernst Cassirer (2004; 2012), Max Weber (2004), dedicaram estudos dentro de diferentes perspectivas de análises a temática da religião e dos grupos religiosos. Merece destaque também o filósofo Mircea Eliade (1992; 2002) que se dedicou a diversos temas no campo da religião, realizando estudos desde a estrutura dos mitos, buscando analisar as origens das religiões e construindo um debate em torno dos conceitos de sagrado e profano.

Retornando a questão da geografia da religião, apesar de ser um campo novo de estudos como citado, este tema tem atraído nos últimos anos a atenção de muitos pesquisadores brasileiros, apresentando diferentes perspectivas de análises dos fenômenos religiosos e a pluralidade que este tema remete, principalmente no contexto brasileiro.

Pretende-se no decorrer deste artigo explorar as bases de constituição do campo da geografia da religião, tanto a nível mundial como o caso brasileiro, quais são as principais linhas de pensamento e teorias que tem norteado os trabalhos que investigam questões ligadas à religião, as diferentes temáticas que tem chamado à atenção dos pesquisadores e as hipóteses por eles levantadas. A ideia é apresentar as diferentes perspectivas dos grupos de estudos brasileiros do campo da geografia da religião, de diferentes localidades, dado a existência de vários grupos de pesquisa que se dedicam a essa temática, bem como outras vinculadas à geografia cultural, visando entender qual a importância e o crescimento que esse tema tem tido na geografia brasileira.

Discutem-se como as diferentes correntes do pensamento geográfico tem se posicionado em relação a esse campo de pesquisa. Houve por muito tempo um relativo desinteresse por parte de geógrafos de diferentes correntes de estudar os sistemas religiosos, deixando esse tema marginalizado dos objetos de análise da ciência geográfica, havendo no máximo descrição de grupos religiosos e suas práticas, sem no entanto aprofundar tais discussões.

Dentro do contexto empírico e voltado para lógica de expansão espacial dos mercados, não mereceu atenção aos geógrafos influenciados pelas tendências positivista do século XIX e neopositivistas do início do século XX os estudos da religião. “o positivismo caracteriza-se por um agnosticismo no qual nega à razão e à fé o poder de provar a existência de Deus” (ROSENDAHL, 2002, p. 20). Quando a religião ganhava destaque nas análises dos geógrafos ligados ao positivismo lógico era para indiciar e classificar os tipos de efeitos da religião sobre a paisagem em escalas regionais.

No processo de renovação do pensamento geográfico na década de 1970, quando vários geógrafos passam a pautar seus trabalhos e o objeto de estudo da geografia a partir da filosofia marxista, realizando suas leituras com base no materialismo histórico-dialético. Estes passavam a construir suas investigações lendo as contradições inerentes ao sistema de produção capitalista, analisando as estruturas socioespaciais. Enfatizavam-se questões como relações de produção e reprodução do capital, luta de classes e sua materialização no espaço em detrimento a outros temas. Aponta Rosendahl (2002, p. 23) que “a pouca ênfase dada aos estudos religiosos na geografia crítica pode ser justificada também pela interpretação de que a religião não era a única culpada de todas as desgraças sociais nas sucessivas etapas da sociedade e, por isso, não merecia ser enfatizada”.

A geografia humanista, também surge no processo de renovação do pensamento geográfico na década de 1970, passa a questionar o modelo no quais estavam acentuados os trabalhos geográficos e propõe outra perspectiva de análise que busca valorizar o sujeito e sua subjetividade na construção das relações

socioespaciais com os lugares, nos diferentes territórios, na experiência vivida com a paisagem, assim se contrapõe a mecanização e a visão determinista dos paradigmas anteriores, um dos trabalhos revolucionários que influenciou vários escritos como os de Tuan, Relph, Buttner, foi a importante contribuição de Eric Dardel (2011). Publicada inicialmente na França, *O Homem e a Terra*, teve sua maior difusão apenas em 1986, chamando a atenção para a experiência geográfica do sujeito, ou seja, a essência do ser-e-estar-no-mundo, sua geograficidade. Dentro dessa nova perspectiva é que os estudos sobre a religião ganham corpo teórico de uma análise geográfica, buscando entender como o sujeito vivencia espacialmente o sagrado, de que forma esse se constitui no seu imaginário, como são materializados espacialmente os ritos, símbolos e crenças a partir da vivência dos sujeitos. Essa perspectiva lança as várias possibilidades de analisar os fenômenos religiosos a luz da ciência geográfica.

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Para entendermos o subcampo de estudos no qual inscreve a geografia da religião nas abordagens e pesquisas da geografia brasileira, faz-se necessário um retorno cronológico para compreender as bases que deram suporte a essa discussão e que influenciaram diretamente os estudos geográficos sobre a religião no contexto brasileiro, apresentando posteriormente seu desenvolvimento, temas abordados e a necessidade desse campo de investigação na contemporaneidade.

Não é nossa pretensão, no entanto, retomar toda uma discussão aprofundada sobre como surgiram os estudos geográficos no campo da religião, mas realizar apontamentos que julgamos necessários, no intuito de pensar questões pertinentes para entendermos quais os campos investigativos que se consolidaram na geografia brasileira, com relação aos estudos sobre geografia da religião e que tem crescido a cada ano, constatando que a temática da religião não se apresenta como mero "modismo contemporâneo", mais se inscreve em um campo fértil de investigação a cerca do fenômeno religioso e da dinâmica espacial humana, atestando assim a sua emergência.

Cabe ressaltar que a trajetória da geografia da religião apresenta-se com laços de proximidades com o próprio caminho epistemológico da ciência geográfica e, por vezes, confundindo-se com o mesmo. Assim como a ciência geográfica buscou em suas análises atender aos interesses e temas em voga nas determinadas épocas de sua evolução, da mesma forma se seguiu com o campo de estudo da religião, atendendo os preceitos e se utilizando das bases teóricas que compreendiam o campo de estudo geográfico. Desta forma, pode-se afirmar que a temática da religião sempre esteve presente nas abordagens da geografia, no entanto, em alguns casos, ter sido relegada a um segundo plano.

Antes de abordarmos o contexto propriamente dito do subcampo da geografia da religião, faz-se necessário afirmar que não é esse campo que inaugurou os estudos e/ou reflexões ligando questões geográficas à religião. Tanto a religião, quanto a geografia são fenômenos sociais que estão ligados a própria história da humanidade, ambas remetem aos primórdios da história humana, se considerarmos as necessidades da experiência e compreensão dos espaços para sobrevivência que existia nas sociedades antigas, bem como os símbolos, ritos e mitos fundadores que buscavam explicar o sobrenatural, traduziam alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, fosse individual ou coletiva e que foram as bases para o surgimento dos sistemas religiosos primitivo, como apontara Durkheim (2008), em sua obra *As Formas Elementares de Vida Religiosa*.

CONCEPÇÕES DE GEOGRAFIA E RELIGIÃO NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

Desde os primórdios da humanidade, o homem sentia a necessidade de representar o espaço que habitava, seja pela premência da sobrevivência, quando representava com símbolos em paredes de cavernas o seu espaço de caça, coleta, etc., como também representavam seu cotidiano, lugares de festividades e rituais, assim o homem

começa a praticar uma geografia, mesmo que não soubesse ou não reconhecesse uma disciplina denominada de geografia. Suas práticas e expressões se localizam no espaço.

Os mitos, ritos e símbolos também foram se desenvolvendo, juntamente com as sociedades antigas. Para sobreviver, os primeiros sujeitos das antigas sociedades nômades, precisavam se adaptar ao ambiente físico com o intuito de atenderem suas necessidades imediatas e interesses práticos, assim Durkheim (2008, p. 37), pontua que "[...] os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e a especulação sobre o divino". A adaptação constante ao mundo que os rodeavam apresentava-se como condição primária para que pudessem sobreviver. Cassirer (2012), aportando-se em algumas ideias levantadas pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.), aponta que os primeiros passos dados por uma sociedade primitiva em direção da vida intelectual e cultural, poderiam ser descrito como uma espécie de ajustamento mental ao ambiente físico imediato. E continua seu raciocínio:

Desde os primeiros vislumbres de consciência humana, encontramos uma visão introvertida da vida que acompanha e complementa essa visão extrovertida. Quanto mais esse desenvolvimento se afasta dessas origens, mais essa visão introvertida vem ao primeiro plano. A curiosidade natural do homem começa aos poucos a mudar de direção. [...] Nas primeiras explicações mitológicas do universo encontramos sempre uma antropologia primitiva lado a lado com uma cosmologia primitiva. A questão da origem do mundo está inextricavelmente entrelaçada com a questão da origem do homem. (Ibidem, p. 12-13, 2012, grifos do autor).

Tomando por base essa reflexão é possível aferir que ao se ajustar ao ambiente físico, desenvolvendo sua cultura e consciência, o homem primitivo começa a estabelecer uma ligação entre o espaço que habita e a religião. É o ambiente físico natural e todo um conjunto de fenômenos naturais que vão atrair a atenção dos primeiros sujeitos das sociedades antigas, para explicar e dar sentido a esse mundo novo que se apresenta, surgem os mitos primitivos que se organizavam dentro de uma cosmologia primitiva, nos próprios dizeres de Cassirer (2012).

Assim vão se estabelecendo os primeiros contatos entre a compreensão das espacialidades, aqui compreendida como mundo, ou seja, o ambiente físico, e as buscas pelas explicações do sobrenatural. É a curiosidade humana que ao buscar na natureza as explicações para o sobrenatural ou divino, que vai estabelecer essa relação primeira entre espaço geográfico e uma cosmologia primitiva. O geógrafo Gil Filho (2007, p. 208, grifos nossos), debatendo a obra de Cassirer, nos aponta: "O homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais. Deste modo o *homo faber sapiens* torna-se *homo religiosus*".

A ideia aqui apresentada da transição entre o "*homo faber sapiens*", para o "*homo religiosus*", parte da construção teórica do sistema cassireriano, que apresenta o homem como ser simbólico, este estado o caracteriza como a superação da vida biológica. Essa superação se deve a ruptura da ordem natural, pela qual o homem deve ser submetido. Nesse sentido, a uma tomada de consciência, na qual o homem percebe que ele não vive somente no universo dos fatos, mas, e sobretudo em um universo simbólico. A religião apresenta-se nesse quadro compondo o universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana (GIL FILHO, 2007). Ao superar o ambiente físico na construção de práticas simbólicas, o homem vai buscando os significados da existência, e é nesse contexto que se insere a religião como uma atividade humana, um fenômeno da vida humana que se inscreve no espaço, ou seja, a religião como forma simbólica.

A construção de um universo simbólico e a tomada de consciência dessa nova fase da experiência humana, marca a dependência do homem no divino, no sobrenatural (Cassirer, 2012). As relações espaciais que o homem estabelecia como o meio físico ao seu redor, não dependiam apenas dos seus esforços para sua sobrevivência, mas havia uma dependência do sobrenatural, do divino, dependência esta que poderia garantir ao homem primitivo segurança e confiança para superar os imperativos de sua vida. Nesse sentido,

Desde o início, a religião teve de cumprir uma função teórica e uma função prática [...]; responde às questões da origem do mundo e da origem da sociedade humana, e deriva desta origem os deveres e obrigações do homem. Esses dois aspectos não

são claramente definidos; combinam-se e fundem-se naquele sentimento fundamental [...] de solidariedade da vida. (Ibidem, 2012, p. 156).

O entendimento simbólico do ambiente geográfico, nesse intuito, participa diretamente do processo de formação das relações sociais e da reprodução do conhecimento social, sendo a religião como uma forma simbólica, permite a construção da ideia de mundo. É nesse contexto que surge o sentimento de solidariedade da vida.

Todo esse contexto por nós abordado até aqui sobre as primeiras relações entre espaço e religião, ocorreram através das experiência diretas dos sujeitos das sociedades primitivas com a construção de um sistema simbólico ao qual tanto o espaço, quanto a religião faziam parte desse processo. Avançando adiante nessa compreensão, quando o homem estrutura formas de tratar das diferentes questões que suscitaram em cada período, estudos foram sendo elaborados, desse momento podemos falar de uma leitura de geografia religiosa.

GEOGRAFIA E RELIGIÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Pensando tais estudos a partir da antiguidade clássica, Kong (1990) nos aponta que na Grécia antiga já havia uma preocupação sobre as questões que envolviam o espaço e a religião, isso pode ser confirmado, segundo o próprio autor, com base nos modelos cosmológicos, mapas e diagramas que apresentavam a visão de mundo dos antigos gregos. Nesse sentido, podemos pontuar o surgimento de uma primitiva geografia, geografia essa que buscou incorporar ideias religiosas que se fizeram presentes nesses tempos remotos, no entanto ainda não havia se constituído uma geografia da religião, apresentava-se apenas um vislumbre das formas pelas quais geografia e religião se vinculavam, como defende Kong (1990, p. 356):

If geography and religion were related since Greek times and yet such a relationship did not constitute a 'geography of religion', this provides but a glimpse of the many varied ways in which geography and religion have come to be linked, and the concomitant and bewildering nomenclature that has been applied to each link in turn.

Na idade média, houve uma forte aproximação entre geografia e religião, principalmente influenciado pela religião cristã, "embora tentasse se desvincular de uma abordagem mais religiosa, os estudos eram substancialmente produzidos por teólogos e consequentemente carregavam reflexões religiosas" (PEREIRA, 2013, p. 18). Assim as reflexões e os escritos, como outras produções, deixam transparecer esse caráter, no qual a produção da época sucumbiu a visão religiosa cristã.

Um bom exemplo o qual podemos ilustrar tal questão, pode ser encontrado em Seemann (2013), em sua discussão sobre a cartografia. Ao realizar uma abordagem sobre a história da cartografia, no qual o autor apresenta elementos sobre o debate de qual teria sido o primeiro mapa, o mapa mais antigo do mundo já encontrado até os dias atuais. No desenvolver dos seus argumentos, nos traz como exemplo o chamado mapa "T no O" ou "mapa de roda" (figura 1). Pensando a partir dessa produção, podemos notar novamente essa aproximação entre geografia e religião.

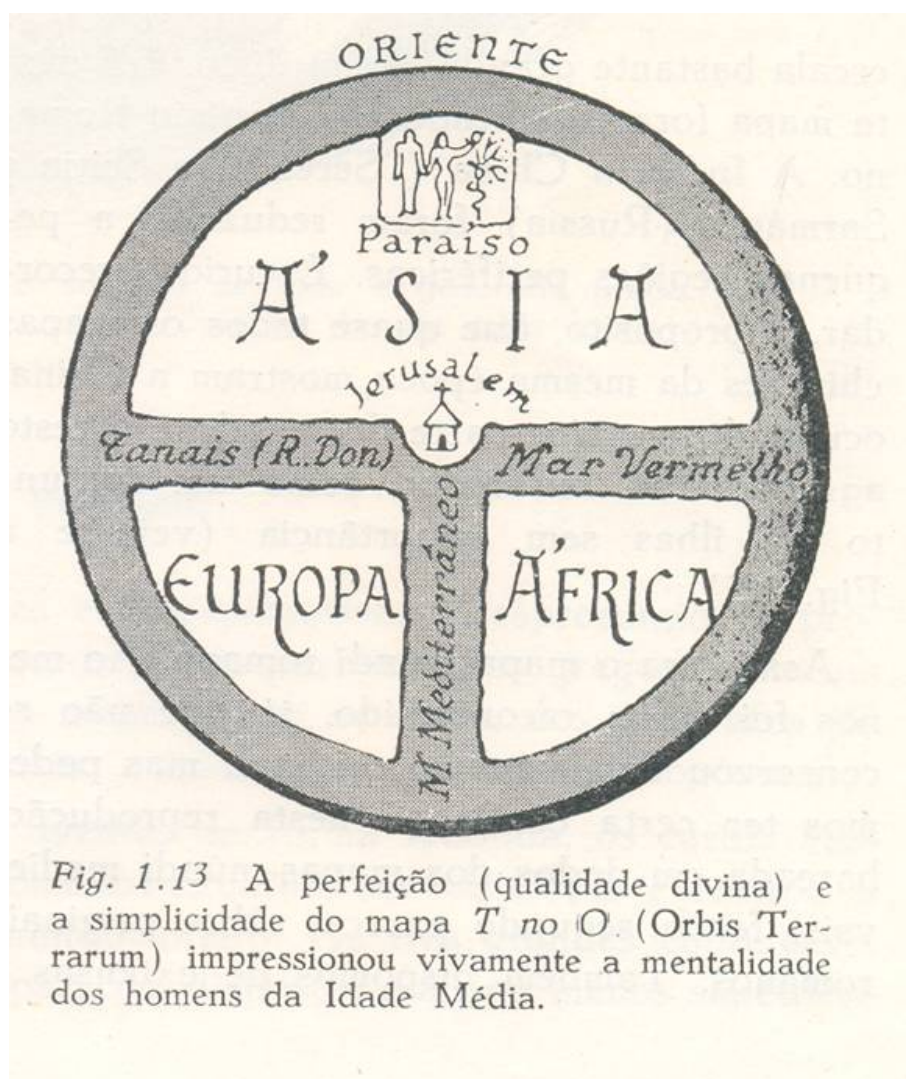


Figura 1 – Representação Esquemática do Mapa "T no O" ou Mapa de Roda
Portal do Professor do MEC (2018)

A ideia apresentada no mapa traz toda a influência na qual se vivia nesta época, as produções eram voltas para explicar a vida cristã, no qual se fundiram os conceitos de tempo e de espaços na construção da narrativa bíblica e dos preceitos bíblicos. Os fenômenos geográficos foram secundarizados, privilegiava-se as esferas do espiritual e não o cenário terrestre, não havia essa preocupação por parte dos teólogos-geógrafos.

Ao apresentar essa reflexão sobre o mapa "T no O" ou "Mapa de Roda", Seemann (2013) cita a falta de interesse para a utilização das convenções cartográficas, o mapa não servia para localizar ou orientar sobre dado fenômeno, mas tinha por propósito de ser um recurso didático para apresentar e corroborar a fé cristã. Assim descreve o autor:

O "T no O" tem a forma de um simples disco com uma subdivisão das massas terrestre nos três continentes Ásia, Europa e África, os quais representavam os três filhos de Noé. Sem, por ser o filho mais velho, ficou com a partilha maior, a Ásia, enquanto Cam recebeu a África e Jafé a Europa. Os continentes foram divididos através dos cursos de dois grandes rios, o Nilo e Tanais (Rio Dom na atual Rússia). A cidade sagrada de Jerusalém sempre figurava como centro do mapa, uma transcrição direta das palavras da Bíblia, porque em Ezequiel 5,5 está escrito onde deveria ficar o lugar dessa cidade: "Assim diz o SENHOR DEUS: esta é Jerusalém; Pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dele". A própria forma do mapa pode ser interpretada como uma alusão à fé cristã: enquanto o T simboliza a cruz, a tripartição das terras pode ser um testemunho da perfeição divina, relacionando-se ao dogma da Santa Trindade. (Ibidem, 2013, p. 36).

Cabe pontuar, no entanto, que esse período pode ser melhor caracterizado como o de uma geografia bíblica, interessada não no espaço geográfico em si, mas de construir uma narrativa sobre a própria história cristã, como exemplificamos. Büttner (1977), desenvolve um trabalho, no qual nos aponta a tarefa do geógrafo católico:

El geógrafo católico tenía que describir la Creación como obra de Dios. La relación entre Teología y Geografía, especialmente en cuanto a las tareas de la Geografía determinadas por aquélla, podía caracterizarse así: el objetivo de la Geografía es el de describir la imagen del mundo creado por Dios.

Para melhor categorizar tal ideia, o autor apresenta e discute os escritos de Vicente de Beauvais (1184-1264), *Speculum Naturale*, como forma de demonstrar tal obra como sendo o modelo da geografia cristã para os geógrafos europeus do século XIII ao XVI, tendo por mérito o de alcançar um equilíbrio entre as referências ou ideias "geográficas" expressas na bíblia e as da antiguidade clássica grega. A proposta dos escritos de Vicente de Beauvais, foi o de apresentar uma interpretação sobre a criação, baseado no livro do Gênesis.

Vincentius inicia la presentación de su material geográfico a través del marco de referencia de los eventos registrados en el primer Libro del Génesis. Su trabajo no está basado exclusivamente en las Escrituras, sino que a menudo adopta las interpretaciones de los Primeros Padres de la Iglesia, interpretaciones que estaban determinadas en sí mismas por la Biblia. Sólomente en los aspectos donde las Escrituras aparecen vagas es donde toma prestadas las teorías de los escritores clásicos, en particular de Aristóteles, para lograr una descripción más precisa de los fenómenos individuales. (BÜTTNER, 1977).

Ao realizar essa aproximação com base nas descrições dos fenômenos religiosos descritos pela a bíblia com o espaço geográfico, os geógrafos-teólogos intentavam legitimar a religião dominante à época, ou seja, a religião cristã e com base nessa forma de análise e discurso, seus trabalho podem ser apontados como sendo as primeiras iniciativas de investigações empíricas, tomadas por base como fundamentais para a organização da geografia moderna (BÜTTNER, 1977).

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO MODERNO: INTERSECÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Partindo para o contexto no qual se inscreve o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, ainda se fazia muito presente a orientação teológica, no entanto, esta noção começava a dar margem uma nova visão de geografia, sendo esta caracterizada como uma Geografia Eclesiástica "[...] que principalmente buscava mapear o espaço cristão no mundo - visando sua organização - e descrever a influência de outras religiões - a fim de auxiliar nas ações missionárias do próprio cristianismo" (USARSKI apud PEREIRA, 2013, p. 19).

Nesse sentido, essa nova forma de se praticar geografia deu-se após a Reforma e a Contrarreforma, juntamente com o processo de "conquistas" iniciadas com as grandes navegações, essa nova concepção de geografia apresentou como o homem transformou a Terra para fazer dela a sua morada, como apontada nas Escrituras Bíblicas Cristãs, assim "A geografia torna-se uma ilustração do Gênesis. [...] A ideia de que a geografia tem o objetivo de mostrar como a palavra divina foi realizada explica o interesse que a disciplina suscita nos meios intelectuais" (CLAVAL, 2014, p. 90-91).

Apresentava-se uma geografia físico-teológica, sendo que esta fora antecipada já na Antiguidade e na Idade Média, no qual a busca pela explicação dos fenômenos ambientais, possuíam estritamente relação com a o sobrenatural, com o divino. A Terra e toda sua geografia seria, nada mais do que a manifestação da sabedoria do divino, e não mero fruto do acaso (PEREIRA, 2013).

No alvorecer da sistematização dos conhecimentos geográficos e sua conformação enquanto ciência, a presença do campo religioso ligado as análises do espaço geográfico, também se fez presente. Nos trabalhos consagrados de Alexander von Humboldt (1814-1852), derivado em grande parte de suas viagens exploratórias nas Américas do Sul e Central, deram corpo as suas reflexões apresentadas na obra *Cosmos*, na qual tentou apresentar uma síntese da parte terrestre no *Cosmos*. Não fugiu na descrição dos gêneros de vida

os sistemas religiosos existentes em diferentes partes da geografia terrestre. Nesse mesmo período, Carl Ritter (1779-1859), também apresentou discussões sobre a religião, "[...] Ritter pode afirmar com naturalidade que vislumbrava o 'plano divino' na dinâmica da Terra, era o objetivo de sua disciplina; enfatizando a força da 'físico-teologia' naquele contexto" (USARSKI apud PEREIRA, 2013, p. 20).

No final do século XIX e início do século XX, as escolas determinista e possibilista, fundadas respectivamente, por Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918), não deram grandes atenções a religião, aparecendo apenas em algumas menções. No entanto, a influência das ideias também se pontuavam com relação aos sistemas religiosos. No determinismo a religião e suas práticas, nada mais são do que fruto do ambiente ou determinada por este (KONG, 1990). Vidal de La Blache, dedicou suas análises aos gêneros de vida como um dos eixos de sua geografia humana, nessa perspectiva pontuava que os grupos humanos não se adaptavam meramente ao meio, ele buscava modificá-lo para permanecer com seus hábitos. Assim a dimensão da cultura torna-se central nas análises vidalianas, inserindo-se nesse contexto os sistemas religiosos presentes nos diferentes gêneros de vida (CLAVAL, 1997).

Essa perspectiva de interação inaugurada pela escola vidaliana, demonstrando o compromisso de unir o ambiente com a cultural, a partir de uma perspectiva holística, do ponto de vista de apresentar uma discussão sobre a religião, foi desenvolvida por Pierre Deffontaines (1894-1978) que deu origem as monografias, no qual buscava detalhadamente descrever a paisagem geográfica. Em sua obra *Géographie et religions*,

[...] aborda a geografia religiosa através das marcas que esta imprime nas paisagens (igrejas, mesquitas, santuários, templos, cruz, etc.) pelos obstáculos que ela impõe a certo gêneros de vida (obrigação do jejum na sexta-feira, interdição do álcool e do consumo de carne de porco, por exemplo), e pelos gêneros de vida que ela faz nascer (o dos padres ou monges). A religião não é nunca tratada nela mesma. (CLAVAL, 1997, p. 91).

Nesta perspectiva de geografia, também presente em outros trabalhos de geógrafos, caso de Sopher (1923-1984) e Sorre (1880-1962), resumiram-se a mera descrição formal dos lugares, dos ritos e das manifestações na sua esfera institucional do cotidiano. Sobre esse período, juntamente ao período no qual a perspectiva neopositivista influenciou os trabalhos dos geógrafos da época, Rosendahl (2002, p. 21) aponta-nos que "[...] a dimensão religiosa era abordada em análises regionais, constituindo-se em classificação dos tipos de efeitos da religião sobre as paisagens. [...] Não se fazia a geografia da religião de hoje, mas a semente estava plantada!".

No processo de renovação do pensamento geográfico, através da vertente influenciada pela perspectiva do materialismo histórico-dialético de Marx, surge a chamada geografia radical ou crítica, que diferentemente da corrente positivista e neopositivista praticada até então, dialogou com a relação homem-homem, no entanto, a compreensão de tal relação no espaço geográfico, deteve-se a uma análise dos fenômenos socioeconômicos, negligenciando a temática religiosa, visto que essa era tratada como utopia, a qual mantinha as classes populares presas na ignorância, não permitindo reflexões políticas (ROSENDAHL, 2012).

A mudança de paradigma pelo qual era vista as análises geográficas sobre os sistemas e fenômenos religiosos tiveram um novo prisma a partir das décadas de 60, 70 e 80 do século XX, graças ao florescimento de uma geografia cultural-humanista, que passou a dedicar-se e dá atenção as questões religiosas pela visão fenomenológica religiosa. Nesse período é fundada uma geografia da religião com um corpo teórico-metodológico dedicado a compreensão dos fenômenos envolvidos no universo religioso geográfico. "Esse novo prisma, de uma geografia humanista-cultural, tornou-se um dos caminhos por onde a geografia buscou romper o preconceito - no âmbito do positivismo lógico e do estruturalismo marxista - com o tema da religião. (GIL FILHO, 2007, p. 209).

Pensando em todo o processo constitutivo pelo qual passaram as análises entre geografia e religião é possível pontuar que tal campo de estudos deve buscar aportar-se no que se apresenta de fundamental a partir do fenômeno religioso, ou seja, seu caráter sagrado, logo um subcampo como o da geografia da religião, não se interessa por uma abordagem que delimite sua forma de análise com base nas funções fundamentais que definem o homem, tais como as questões econômicas, linguísticas, política, etc. o que interessa ao geógrafo

da religião em seus estudos sobre os diferentes sistemas religiosos é o de analisá-lo, tomando por base a escala religiosa, assim concordamos com Eliade (2002, p. 1), ao afirmar que

[...] um fenômeno religioso somente se revelará como tal com a condição de ser apreendido dentro da sua própria modalidade, isto é, de ser estudado à escala religiosa. Querer delimitar este fenômeno pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela lingüística e pela arte, etc... é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e de irredutível, ou seja, seu caráter sagrado.

Desta forma, o campo da geografia humanista-cultural tem dado grandes contribuições para a compreensão dos diferentes sistemas religiosos e suas relações com o espaço geográfico, priorizando uma leitura teórica pautada em uma perspectiva da fenomenologia religiosa.

A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Com base nesse desenvolvimento pelo qual foi perpassando as discussões sobre religião e geografia, permitiram toda uma dinâmica para esse subcampo do saber, que após se consolidar na perspectiva da geografia humanista-cultural, passou por debates embasados em correntes de pensamento que passam a discutir o fenômeno religioso e sua discussão na geografia, assim podemos pontuar o surgimento de diferentes escolas de análise na geografia da religião, tais como: Estadunidense, Francesa e Alemã, que realizam amplos debates em torno do corpo teórico-metodológico referentes às análises dos fenômenos religiosos no espaço geográfico.

No Brasil, os estudos de geografia da religião passaram a fazer parte das agendas de pesquisa, principalmente na década de 90 e início do século XXI. Vários foram os estudos geográficos que vem se desenvolvendo desde então no contexto brasileiro, que apresenta uma pluralidade de proposições investigativas na temática, atestando para um amplo campo de análise. A realidade religiosa brasileira é bastante singular, o que fez desenvolver uma forma de análise a partir do contexto brasileiro. Núcleos de estudos sobre geografia da religião foram se estruturando e tomando corpo, pontua-se como os principais grupos investigativos sobre geografia da religião no Brasil o NEPEC - Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Espaço e Cultura, liderado pela professora Zeny Rosendahl, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que destaca-se pela vasta produção voltada para a geografia da religião; NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representação, que é responsável por articular projetos e grupos de pesquisa de vinte universidades federais brasileiras; NUPPER - Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião, vinculado a Universidade Federal do Paraná (UFPR), que tem como líder o professor Sylvio Fausto Gil Filho.

O autor Gil Filho (2009), define o quadro atual da subdisciplina da geografia na religião no contexto brasileiro, possuindo dois vieses, sendo que estes se desenvolveram pela "virada cultural" e pela "virada linguística", que ocorreram no movimento conhecido como Nova Geografia Cultural no Brasil. Segundo o mesmo autor, tais vieses constituem duas perspectivas teóricas distintas, no qual, uma teria por princípio apreender as manifestações espaciais religiosas, através de suas formas religiosas expressas na paisagem; e a outra parte da necessidade de compreender as manifestações religiosas pelas dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico. Segundo Pereira (2013), tais distinções podem ser notadas nos trabalhos: Hierópolis: O sagrado e o urbano - Zeny Rosendahl; Espaço sagrado: estudos em geografia da religião - Sylvio Fausto Gil Filho.

Ambas as perspectivas teóricas têm produzido trabalhos de grande relevância para a compreensão dos fenômenos religiosos no Brasil, e só vêm a confirmar a tese sobre a emergência da temática sobre religião nos estudos geográficos, fortalecendo essa subdisciplina com análises de grande valor.

Podemos citar como os dois grandes eventos no campo da discussão sobre geografia da religião no contexto brasileiro, o Colóquio Nacional de Estudos em Espaço e Representação, organizado pelo NEER, tendo sido realizado no ano de 2018 a sua 7ª edição, na cidade de Diamantina-MG, que dedicou um eixo temático

voltado para as análises "mundos da religião e religiões no mundo", no qual é possível analisar em seus anais (anais do VII Colóquio Nacional do NEER, 2018), a variedades de temática que dão corpo as discussões no âmbito da geografia da religião, dedicando-se a entender os diferentes sistemas religiosos que compõe a realidade brasileira e corroborando com a ideia defendida por diferentes pesquisadores vinculados as ciências da religião, que pode ser expressa na fala de Durkheim (2008, p. 31) "Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana".

O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Espaço e Cultura - NEPEC, também realiza um evento, no qual podemos ver a contribuição ligada ao subcampo da geografia da religião. No ano de 2018 fora realizado o 11º Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura, o evento realizado na cidade do Rio de Janeiro, sediado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), contou com o eixo temático: cultura e religião, que abordou principalmente as discussões sobre a espacialização e as relações de poder existentes entre o sagrado e o profano; discussões voltadas também para análises de conceitos geográficos, vinculados aos fenômenos religiosos, tais como, território e territorialidade, ciberespaço e hipermodernidade, cidades-santuários, etc.

Essa multiplicidade de interesses sobre as temáticas voltadas das análises da escala da religião, confirma a emergência e importância do subcampo da geografia da religião. Vários programas de pós-graduação de geografia, tem professores-orientadores e grupos de estudos voltados para tais temáticas, consolidando a geografia da religião brasileira. Desta forma, realizar uma reflexão sobre a afirmação desse subcampo, apresenta-se no intuito de contribuir e difundir essa perspectiva, chamando a atenção para novas análises e dialogar com os novos saberes a serem produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos ao longo do nosso trabalho, uma discussão de como teve início as relações que ligam geografia e religião, desenvolvendo um raciocínio com base nos diferentes períodos históricos da humanidade e as aproximações realizadas entre a geografia e religião, sendo estes, fenômenos sociais ligados aos próprios sujeitos que desenvolveram as diferentes civilizações ao longo do tempo e consolidaram os diferentes sistemas religiosos, constituindo-se assim como Homo Religiosus.

As reflexões entre geografia e religião que foram realizadas na Idade Média, até meados do século XX, tiveram como propósito propagar os diferentes sistemas religiosos, principalmente a fé cristã, em suas diferentes vertentes. A imagem da divindade, fora retratada nos mapas como discurso religioso, assim como as análises voltadas para descrição da espacialização da fé, com base na materialização das instituições religiosas no espaço, com fins de propagar as crenças cristãs católicas.

No campo da ciência geográfica, por muito tempo a temática da religião foi relegada a um segundo plano, não fazendo parte das agendas de pesquisa do saber geográfico. A atenção a esta temática, se deu apenas com o advento da chamada geografia humanista-cultural, escritos como os de Carl Sauer, Eric Dardel irão influenciar os primeiros geógrafos cultural-humanistas a se debruçarem sobre os diferentes sistemas religiosos, analisando-os a partir de uma escala religiosa, com base a compreensão do sagrado.

No contexto brasileiro, a geografia da religião passa a chamar atenção dos geógrafos, a partir do início da década de 90, do século XX, e no início do século seguinte. Surgem duas perspectivas teóricas de análises sobre o fenômeno religioso brasileiro, que se consolida em dois núcleos de estudos, o NEER e o NEPEC, ambos realizam eventos voltados para discussão das temáticas, no campo da geografia cultural-humanista, merecendo espaço em seus GT's, a temática das abordagens geográficas sobre a religião.

Nesse intuito, nosso interesse é o de chamar a atenção para o subcampo da geografia da religião e para as valorosas contribuições que vem sendo produzidas no contexto da geografia brasileira. Atestamos, que tal temática não surge com tantos interesses, apenas por um "modismo contemporâneo", mas pela emergência que a temática impõe, principalmente no caso brasileiro, no qual a temática da religião apresenta-se de forma

bastante singular e complexa. Assim, queremos contribuir com a discussão sobre a consolidação do subcampo da geografia da religião e a importância dos estudos que hoje vem sendo desenvolvidos nessa área.

AGRADECIMENTOS

Queremos destacar que a realização deste trabalho, compõe parte dos estudos por nós desenvolvidos no Doutorado em Geografia, assim agradecemos desta forma ao Programa de Pós-Graduação em Geografia(PPGeo), do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), bem como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pela possibilidade da bolsa de estudos de doutorado, que se constituíram de fundamental importância para nossa formação e divulgação dos saberes geográficos.

REFERÊNCIAS

- BUTTNER, Manfred. El significado de la reforma para la nueva orientacion de la geografia en la alemania luterana. *Geocrítica*. Barcelona, año III, n. 12, s/n, nov. 1977. Disponível em: . Acesso em: 18 de abril de 2017
- CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de. et. al. (orgs). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO, VII., 2018, Diamantina, MG. Anais... Diamantina: UFVJM, 2018. 414 p. Disponível em: . Acesso em: 20 de janeiro de 2019.
- DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. 3ª.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço sagrado: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.
- KONG, Lily. Geography and religion: trends and prospects. *Progress in Human Geography*. Cingapura, v. 14, n. 3, p. 355-371, set. 1990. Disponível em: . Acesso em: 18 de abril de 2017.
- PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da religião: um olhar panorâmico. *RA'E GA*. Curitiba, n.27, ano 17, jan. 2013, p. 10-37, 2013. Disponível: . Acesso em: 15 de abril de 2017.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- SEEMANN, Jörn. Carto-crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia. 2ª.ed. Fortaleza: Expressão gráfica, 2013.
- WEBER, Max. Economia e sociedade. vol. 2. São Paulo: Editora Unb, 2004.